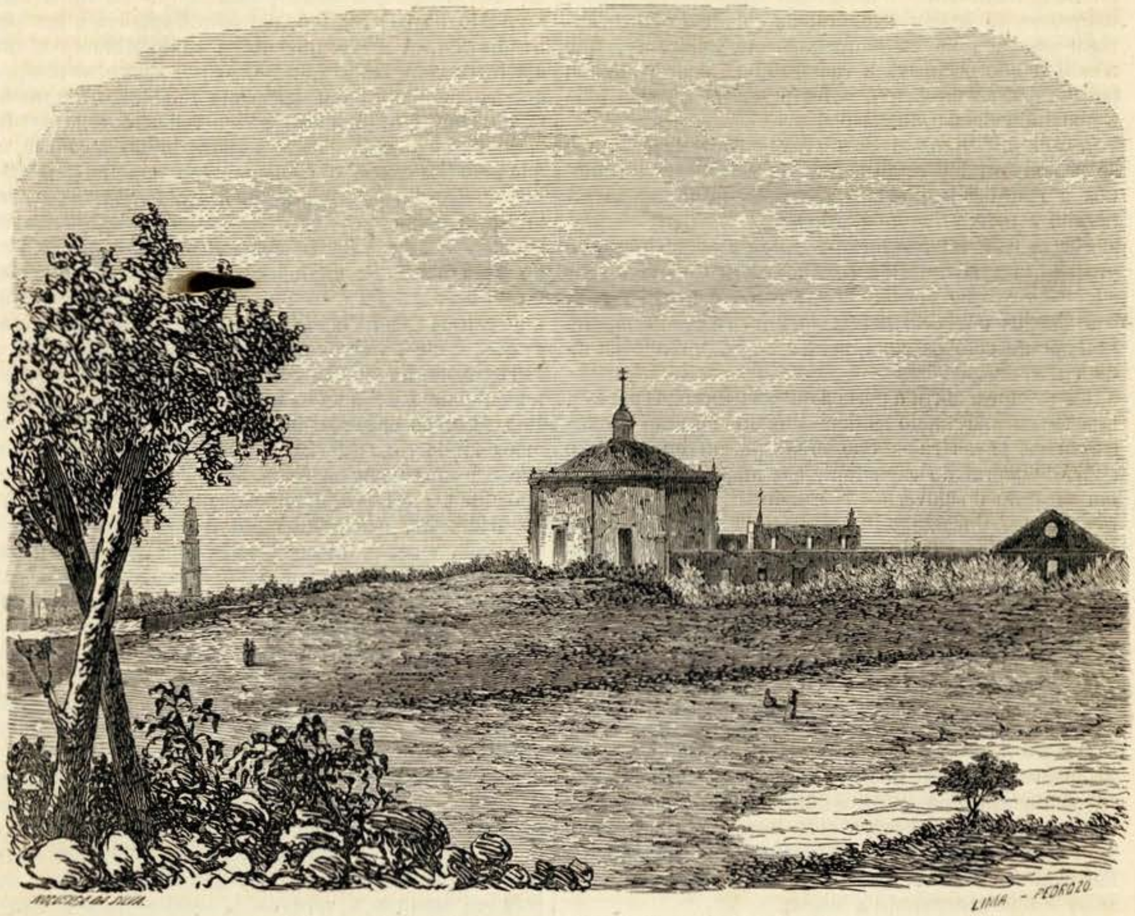


Villa nova de Gaia, a serra e mosteiro de Nossa Senhora do Pilar

Defronte da cidade do Porto avulta uma grande povoação, meia sentada á beira do Douro, cujas aguas lhe servem de espelho, meia reclinada n'uma ingreme collina, que a protege e adorna com a verde espessura de frondosos bosques.

Ao lado d'este painel, tão ameno e formoso, ergue-se alta massa de rochedos graniticos, escalvados, denegridos e debruçados como se estivessem prestes a despegarem-se uns dos outros para se precipitarem no rio, que lhes banha e cava a raiz. E no cume d'esta penedia inhospita campêa um templo todo crivado de balas, e junto d'elle jaz em ruinas um antigo mosteiro.

São dois quadros da natureza, inteiramente differentes á vista, mas que parecem alli collocados por mão de artista para o effeito da maior belleza que resulta dos contrastes.

Dá-se porém uma circunstancia n'esses dois quadros, que ainda faz mais singular a coincidencia da sua união. Ambos commemoram a lucta e o vencimento da civilisação em duas grandes questões sociaes, que por longos annos se agitaram em Portugal no meio das discordias ou dos combates.

A povoação é Villa Nova de Gaia, que em seus annaes nos está fallando das fortes contendas do poder real contra as temporalidades do clero, pois que a ellas deveu a sua fundação, e o seu rapido desenvolvimento.

A montanha de rochas escarpadas, o templo e ruinas que a coroam, são a serra e o mosteiro de Nossa Senhora do Pilar, padrão de gloriosos feitos de armas, e constituindo ambos o monumento por excellencia em nossa terra, da porfiosa lucta e completa victoria do principio liberal, consubstancialidade dos progressos moraes da humanidade, contra o principio absoluto, representante do velho corpo social.

Quando el-rei D. Affonso III subiu ao throno, percebiam os bispos do Porto as rendas publicas da cidade como senhores, que eram, d'ella. Resolveu o monarcha acabar com similhante pratica, tão contraria aos direitos da realeza, quão opposta aos interesses do povo.

O caso porém era muito delicado e melindroso. Uma questão d'este genero n'aquella epocha era cheia de perigos para o soberano. Ninguem melhor que D. Affonso poderia avaliar a influencia e poder desmesurados do clero, que não se contentando de usofruir muitas e importantes temporalidades, de que se apossára mansa e pacificamente, invadia sem rebuço e usurpava outras contra todo o direito dos reis e dos povos. D. Affonso III, em fim, que fôra chamado do seu condado de Bolonha para succeder a seu irmão, el-rei D. Sancho II, expulso do throno mais pela vontade e efficacia do clero, que pelos votos da nação, sabia por experiencia propria como o papa dispunha das coroas a seu bel prazer.

Em taes circunstancias, julgou D. Affonso III ser mais prudente atacar a questão de lado. Por conseguinte, em vez de desapossar directamente o bispo das suas regalias senhoriaes dentro dos limites da sua jurisdicção, fundou na margem esquerda do Douro, em frente da cidade, uma povoação, a que poz o nome de Villa Nova de Gaia (1255), e ordenou que todas as mercadorias que entrassem pela foz do rio fossem descarregadas em Villa Nova, e ahi pagassem os competentes direitos aos officiaes nomeados por el-rei.

Queixou-se o bispo da espoliação, mas el-rei desattendeu-o, e levou por diante seu proposito. Então o prelado, humilhado e ferido em suas prerogativas e interesses de senhor temporal da cidade do Porto, dirigiu ao papa as suas queixas. Alexandre IV, que n'esse tempo occupava a cadeira de S. Pedro, pugnou pelas regalias do bispo, e fez pesar na questão toda a sua influencia e auctoridade.

Assim principiaram pois graves contestações, que se prolongaram por muitos annos sob diversos reinados e pontificados, sendo por vezes fulminado o soberano e o reino com interdictos.

Porém com tal resolução e energia perseveraram e proseguiram na questão D. Affonso III e os reis seus successores, que em fim ficou vencedor o poder real, e os bispos do Porto perderam a jurisdicção temporal juntamente com os rendimentos do commercio da cidade.

Esta victoria abriu a porta a outros triumphos eguaes, que foram coarctando as demasias do clero até demarcarem as justas raias que ora separam entre nós o poder temporal do espiritual, em honra da religião e em proveito do governo do estado.

Portanto, durante aquella renhida contenda, Villa Nova de Gaia cresceu e prosperou rapidamente pelo poderoso e simultaneo impulso do commercio e do favor do rei.

D'est'arte aquella nobre povoação, fundada ha seis seculos para emporio commercial, e ainda hoje um dos mais importantes centros industriaes do paiz, é como um padrão erguido para commemorar um passo assignalado da civilisação na vida das nações.

Quanto á serra e mosteiro de Nossa Senhora do Pilar, não ha ahi quem desconheça as façanhas de que foram theatro glorioso, e a influencia que tiveram no vencimento d'essa encarniçada lucta, que assegurou no throno a dynastia do Libertador, e enraizou em Portugal as instituições liberaes, que resgataram o solo, e tem regenerado a nação.

Em todo o periodo do cerco do Porto esteve sempre a cidade, e a causa que n'ella se defendia, em absoluta dependencia d'aquella serra e d'aquelle mosteiro, transformados á pressa e mal em mesquinha fortaleza, feita baluarte inexpugnavel da liberdade pela bravura dos seus denodados defensores. Inaccessivel do lado do rio, mas plana, com mui leve declive, para o lado de terra, como se vê na gravura junta, essa importantissima posição, tão porfiadamente disputada, tão dura e rijamente combatida por tropas numerosas, e com tão constante perseverança submettida noite e dia a uma chuva continua de granadas e balas, foi defendida e sustentada por um punhado de valentes, que tiveram a coragem de fazer de seus peitos a principal muralha da fortaleza.

Podêmos pois afoitamente dizer, que é este o monumento por excellencia da lucta e dos triumphos da liberdade.

N'outro logar d'este semanario acharão os nossos leitores a noticia da fundação do mosteiro, dos differentes nomes e invocações que tem tido a serra e o templo, dos combates que ahi se pelejaram, e dos campeões que mais se assignalaram n'aquella memoravel defesa. [1]

I. DE VILHENA BARBOSA.

[1] Vid. o artigo e estampa do n. 14 do vol. IV.

O SINEIRO DA FREGUEZIA

I

Estava chegado o fim do anno de 1833. Era uma noite fria e enregelada como costumam ser muitas de inverno, em nossas provincias do norte. A abobada celeste estava tão limpida e as estrellas tão vivas, que pareciam de grandeza duplicada: por um effeito optico, qualquer boçal observador, que tivesse alguma idéa do movimento dos astros, juraria que os tinha surprendido na sua rotação, tão scintillante era a luz que irradiavam. A neve que tinha caído durante o dia alastrava com vasta mortalha o povoado e os campos que se perdiam n'um horisonte indefinido, augmentando com seu immenso poder reflectidor a luz difusa. Soprava uma d'essas agudas brisas do norte, a que não se expõe o transmontano sem ir completamente forrado no seu capote. Bragança parecia deserta; quasi todos os predios tinham portas e janellas fechadas: toda a vida se concentrára no interior. Ao lar fallava-se, em algumas partes, da politica, então muito accesa e fecunda em novidades; em outras reunia-se uma alegre familia em torno dos folgazões magustos, onde ao crepitar das castanhas se misturava o estrugir do lombo de porco, fallando mais eloquentemente de paz, que todos os discursos que podessem fazer os ordeiros de então. As crianças, com as mãos ainda roxas de frio, por terem gasto o dia em encarniçados tiroteios de bolas de neve, ou em fazer agigantados rebolos, que levavam diante de si como em triumpho, para moderar a impaciencia que faz a demora da ceia, ouviam contar as terriveis historias dos salteadores da serra da Falperra, ou das Rodas do Marão, que umas vezes matam e roubam os viandantes, outras pagam com a vida taes atrevimentos, ficando pelos montes insepultos, exemplo aos maus, e pasto aos lobos e corvos: e ao menor ruido que vinha da rua olhavam desconfiados para a porta, como se receassem a invasão d'alguma d'essas famosas quadrilhas.

Não escolhi para começo d'esta muito verdadeira historia uma noite de inverno, com o fim de fazer contraste aos 34° centigrados, que marcava o thermometro quando foram escriptas estas linhas. A chronica diz que era uma noite de dezembro. Perdoem-me pois em attenção á verdade as sentimentaes leitoras, que preferirem uma noite de lua cheia, em solitario bosque, contemplando a espaços as rapidas infiltrações da luz por entre a folhagem, ou em um dos barquinhos do rio de Collares, soltando assustados gritos e amparando-se no braço dos remeiros. São coisas muito lindas de que prometto tirar partido, se um dia escrever alguma historia de amores. Os amantes da elegia, que preferem a tudo fogos fatuos, espectros e caveiras, são talvez aqui mais contemplados; dâmos-lhes desde o principio um sineiro: façam-no cumprir o seu officio, e depois de tocar muitos signaes, póde ser que sáia algum enterro.

Eram oito horas: tocavam trindades no sino da torre de Santa Maria. Em uma das casas que estão na extrema da cidade proximas á ponte, encostada a uma janella que deitava para o lado das ruinas dos antigos paços dos duques de Bragança, estava immovel, olhando attentamente n'aquella direcção uma mulher de meia idade, que não despregava os olhos do ponto d'onde partiram as ultimas vibrações d'esse toque insinuante, que tão espontaneamente, no silencio dos campos e da noite, chama a oração da mente aos labios. No cimo da encosta erguia-se, como isolada estatua sobre um tumulo, o campanario da egreja superior á negra massa das ruinas, e destacando sobre a luz, que penetrava por uma das ventanas, descobria-se um vulto que se movia com os movimentos do dobrar do sino: umas vezes baloiçava-se suspenso, outras erguia-se, e outras se nivelava ao chão da ventana, como abatido pelo badalo que arrancava do bronze os sons prolongados e melancolicos.

A mulher que assim estava á janella, indifferente ao frio que lhe crestava a fronte e roxeava as mãos, depois de um prolongado olhar, atravez do qual parecia escapar-lhe a ultima centelha de vida, deixou de

ver; que os olhos se lhe inundaram de lagrimas, e em vez de rezar com seu costumado fervor, chorou com o desalento de quem chora a perda da ultima esperança. Aquelle vulto movediço era um homem, e esse homem era seu filho.

A pobre mãe chamava-se Angelica: na sua mocidade tinha sido tão formosa como dizia o nome; porém ao presente bem pouca idéa dava do que fôra: o alvi-rosado das faces mudou-se-lhe em côr macilenta, os olhos, como cançados da posição fixa que resulta da concentração intima de todas as faculdades em uma idéa fixa, esconderam-se-lhe no fundo das orbitas, como pedindo descanço; e adquiriram tal expressão de dor concentrada, que produzia em todos, a sua vista, um sentimento indefinido, que participava da compaixão e do susto.

Angelica vivia só com seu filho: desde que viera habitar para aquella casa, nunca as visinhas lhe transpozeram o limiar da porta, pois a olhavam com olhos de desconfiança, e até lhe levantaram a fama de feiticeira, porque apparecia pouco, fallava menos e nunca a viram rir; mas a que tomasse corpo este conceito obstou a perspicacia das comadres de soalheiro, que, devassando-lhe a vida intima, muitas vezes a sorprenderam em lagrimas e muitas mais em orações.

Angelica era filha de uns honrados lavradores de Castro de Avelã, que possuiam um pequeno patrimonio, e eram na verdade pobres, em presença da muita familia que tinham. Sua formosura chamava as attenções dos mancebos da aldeia e da cidade, que todos porfiavam em disputar-lhe o coração. Entre todos distinguia-se um elegante mancebo filho de um rico proprietario de quem o pae de Angelica era rendeiro, e que a pretexto de senhorio ia frequentes vezes ao casal. Francisco de Sá possuia todos os dotes que seduzem as mulheres, tinha uma presença varonil e maneiras agradaveis, era valente, intrepido e generoso. Quando o sr. Francisquinho apparecia era uma festa para a familia do caseiro. Os pequenitos contavam já com dinheiro para figos e castanhas, os caseiros com mais uma promessa de reducção na renda, ou de certos melhoramentos na propriedade, a linda filha com o bonito presente, em que o menino era primoroso como ninguem. Os rendeiros, entendendo que tinham em Angelica um thesouro, imaginavam já um vantajoso casamento com Francisco de Sá; mas tendo depois conhecimento da vida desregrada do joven libertino, e conhecendo-lhe as intenções pelas liberdades que muitas vezes tomava, deram a luz de seus olhos em casamento ao filho de outro rendeiro, que morria de paixão por ella. Angelica, á doçura e innocencia da sua alma, juntava um genio brando e condescendente, e um cego respeito á vontade de seus paes. Afogou no fundo do coração o sentimento que a attrahia para Francisco de Sá, e casou com o marido que lhe propozeram.

Ha homens a quem Deus negou uma boa indole, e que no fogo de suas paixões não tem uma idéa nobre, um pensamento generoso, e tudo sacrificam á satisfação de suas perversas inclinações. Francisco de Sá, raivoso de ver fugir a preza, cuja quéda acariciára como o mais grato pensamento, e lamentando a inutil despeza d'algumas moedas de oiro com que tinha comprado os pequenos presentes que fez a Angelica, jurou no fundo da vileza da sua alma tremenda vingança, com que arrancasse um milhão de lagrimas por cada ceitil dispendido. Molestado em seu orgulho pela preferencia dada a um rival, de condição humilde, que lhe estava muito inferior, fingiu esquecer. Quando no meio do Oceano cessa de repente um temporal, dizem que é para recear que rebente com multiplicada furia. Francisco de Sá, ou porque não descobriu a idéa de prompta vingança, ou porque desde logo a fixou, metteu-se em completa calmaria: por subita mudança abandonou a vida libertina em que vivia, e viram-o vestir a sotaina; mas o negrume d'aquelle vestuario não correspondia tanto ao retiro do mundo a que parecia recolher-se, como ao inferno que tinha n'alma, concentrada na idéa da futura vingança.

Passados alguns annos, em consequencia de um desastre acontecido em uma caçada de javalis, Angelica ficou viuva, e mãe de um unico filho, que amava acima de todos os bens da terra, e não sei se da salvação da alma. Fernando era um anginho roliço, loiro e rosado como os que pintam nos paineis de Nossa Senhora da Conceição. Tinha uns olhinhos tão vivos, uns labios tão vermelhos, umas faces com a pelle tão fresca e tão assetinada, que a cuidadosa mãe se via obrigada a não apparecer com elle muitas vezes, com receio que lh'o suffocassem os beijos que lhe dava tada a gente. Falhava aqui o proverbio, porque Angelica toda se amargurava no fundo do coração, quando meia duzia de visinhas a seguir, lhe pediam o filho. Fernando era o verdadeiro menino nas mãos das bruxas; e quando foi crescendo tinha tal vivacidade, fallava com tanto acerto, eram tão agudos seus ditos e as lembranças tão a tempo, que findava por dizer quem o ouvia: — Benza-o Deus! tanta esperteza não é d'este mundo.

Fernando ia sendo homem, era necessario não desaproveitar aquelle talento; e Angelica projectava d'alli um bom ecclesiastico, que lhe servisse de amparo, e á sua pouco abastada familia.

O padre Francisco de Sá, já então conego da sé de Bragança, gozava da fama de muitas virtudes e saber, e era elle o unico que poderia cultivar bem o espirito de Fernando. Houve um concurso de circumstancias casuaes, ou preparadas, que trouxeram a probabilidade de tomar tão respeitavel preceptor conta da educação de Fernando, e Angelica de todo esquecida da antiga offensa, confiou-lhe a alma innocente de seu filho para que d'aquella fizesse a alma de um santo, e d'este um varão esclarecido.

Fernando era realmente um rapaz esperto. O amor de mãe não cegava Angelica. Entre esses milhares de creaturas humanas que nascem pelo mundo todos os dias, vem muitas crianças literalmente estupidas; mas os paes só vêem n'ellas portentos de engenho: e embora môam tempo, livros e paciencia, sem vencer a insuperavel barreira dos nominativos, quando por fortuna conseguiram combinar as letras do alphabeto, os mestres sempre dizem, para não desconsolar os paes:

— O rapaz é esperto; mas não tem vontade. Porém quando chega a hora de se completar a educação de um filho, o pae acha-se com um rapaz de muito talento, mas analphabeto como um antigo morgado de provincia.

Fernando dava de si uma excellente conta, e seu preceptor não se cançava de encarecer o merecimento do discipulo. Sobejava razão a Angelica para não caber em si de contente. O seu maior desejo era que o sr. padre mestre désse umas ferias ao pequeno para elle vir á terra desbancar tudo com a sua sciencia; mas o severo mestre não podia consentir que discipulo tão docil perdesse uma hora de estudo, e fosse amollecer no seio do lar materno.

Com as boas novas que tinha Angelica, attenuava as saudades da ausencia do filho; cheia de intima satisfação, ajoelhava diante de um retabulo da Senhora das Dores, e em fervorosa supplica lhe rogava o tempo de vida necessario para ouvir a primeira missa do seu Fernando.

N'isto se passaram alguns annos, até que um dia a casa de Angelica amanheceu respirando festa desde o chão até aos beiraes do telhado. Por fóra estava caiada e pintada, e por dentro o soalho amarello e liso como um espelho; a baixella luzia como o oiro,

as paredes escondiam-se detraz dos ramos de loiro e de flores, e no meio de tudo isto, bella como a mãe dos anjos, e afflicta como a personalisação da saudade, estava em um retabulo a imagem de Nossa Senhora das Dores, cercada de velas accesas. Angelica, vestida como o pedia a solemnidade da festa, dava logar a tudo, apparecia em toda a parte, dispunha cada coisa de mil modos, punha a mesa, consultava os effeitos da symetria na disposição das cobertas, substituia um por outro serviço, conversava comsigo para que não lhe esquecesse coisa alguma, participava a toda a visinhança o regresso de seu filho, e não conseguia illudir a impaciencia em que estava.

— Que manhã tão grande! parece que não chega o meio dia!... Genoveva, estão dando horas? Ai, que ainda não! Jesus, quanto custa esperar! Cautela, não puxes muito o refogado, Genoveva, que o menino não gosta! Agora é que o vou ter sempre ao pé de mim. Ai! meu filho, que ainda te estou a ver como saíste d'aqui com um cabello tão loiro e annelado, e com uns olhinhos tão espertos!... agora sim, que os has de trazer com a gravidade de um sacerdote! Genoveva, enxota essas gallinhas que saltaram para a mesa. Hei de dar-lhe todas as minhas economias; entrego-lhe o governo da casa; e que beijos! hão de ser tantos como os que lhe dei quando era pequenino, e depois de tudo deito-lhe a minha benção quando me beijar a mão. Ainda que sou sua amiga, tambem sou mãe severa, e d'isto não o dispenso. Que é isso, Genoveva? Que foi? Que te fez o gato? Levou-te um frango? Deixa-o, coitadinho, que hoje é festa para todos em casa. Como ha de ser bonito o meu Fernandinho vestido de ecclesiastico! Nenhum sacerdote de todo o bispado ha de pôr-lhe o pé adiante em qualidades e sabedoria. Agora sim, que posso cuidar melhor da minha salvação. Hei de resar com o meu Fernando, confesso-me a elle quando tiver alguns escrupulos de consciencia... e poderá confessar-se a mãe a um filho?

Tal era a ordem de pensamentos que Angelica entretinha comsigo, interrompendo-se com as recommendações culinarias que fazia a criada Genoveva, quando alguem entrou no pateo. A preoccupação da mãe não dominava a criada, e foi por isso que Genoveva correu logo a trazer a boa nova a sua ama, de que Fernando tinha entrado.

— Oh! senhora, que é o menino!

— Onde está? Viste-o?

— Atravessou já o pateo, vem subindo a escada.

— É elle, é elle! Bemdito seja Deus! Já se ouvem os passos.

N'isto abriu-se a porta e entrou, lesto como um gamo, um mancebo de bella presença, que mais parecia um janota do seu tempo que um futuro sacerdote. Angelica soltou um grito que a satisfação difficultava, e exclamando: — meu filho! meu filho! — correu a apertal-o em estreito abraço, e instinctivamente foi em seguida ajoelhar com elle diante do retabulo da Senhora das Dores, presa a voz na garganta e os olhos inundados em lagrimas.

Era um grupo de magestoso effeito! Uma terna mãe toda em lagrimas, abraçando seu filho restituido vivo, aos pés de outra mãe chorosa que abraçava um filho morto.

II

O prazer do regresso de um filho querido ao lar paterno, sómente o comprehende em todas as suas expressões o pae, que por alguma circunstancia se viu obrigado a permanecer longo tempo distante d'elle. Quem não o comprehender abstenha-se da critica do final do capitulo antecedente, e não leia algumas linhas que ainda vão seguir-se.

Angelica não acabava de olhar para o filho; apenas limpou as lagrimas, seus olhos tomaram uma expressão de ineffavel beatitude, e contemplava com enternecimento a belleza insinuante das feições do seu Fernando; admirava n'elle o talhe gracioso, a estatura elegante, passava-lhe a mão pela fronte, como se quizesse possuil-o com todos os sentidos, beijava-o... beijava-o, a ponto de não haver em todo o rosto do filho um sitio sequer que não tivesse recebido um beijo. Com alegria infantil o conduz pela mão por toda a casa, e mostrando-lhe tudo o que havia de novo, abriu armarios e gavetas, de modo que não ficou um só escaninho em que Fernando não visse uma prova dos cuidados e affeição de sua mãe.

— Olha, meu filho, tudo isto é fructo de estreitas economias, e tinha gosto em economisar para ser para ti. Aqui tens, tudo é teu; podes dispor de tudo.

Depois d'esta recepção de lagrimas, sorrisos e carinhos, depois d'esta revista, em que Angelica se mostrou o que era, uma affectuosa mãe, chegou a hora de jantar. Á mesa é que era vel-a duplicando em solicitude; deixava de comer para olhar para o filho, e para o servir. Não lhe tinha esquecido um só dos pratos que elle preferia. Contava-lhe as saudades de tantos annos, os pensamentos de noites não dormidas, e os sonhos de acordada, quando o via vestido em pontifical, sentado no seu throno deitando-lhe a benção... a ella, pobre e humilde peccadora, ajoelhada no ultimo degrau, mas ainda assim, sua mãe! Que jubilo sentia n'alma então! Que regozijo, que acções de graças, que orações!...

Parecia que Deus abençoava este dia, estendendo a felicidade da mãe pela noite adiante, visto que tinha raiado tão tarde, e depois de tantas horas de espera. Ainda não era sol posto, as amigas e visinhas de Angelica, sem mais convite, invadiram-lhe a casa, vindo felicital-a pelo regresso do filho. Os comprimentos eram sinceros e lisonjeiros; os parabens caíam do coração.

Em quanto a festejada mãe conversava com uma visita sobre o thema da noite, prestava a tudo subtis ouvidos para não perder uma de quantas palavras trocavam entre si as mais pessoas sobre o mesmo assumpto. Os gozos que lhe iam n'alma eram indescriptiveis, e indemnisavam-na bem de muitos annos de saudade; as palavras chegavam-lhe ledas de toda a parte, suaves como a viração da manhã, que se levanta em buliçoso giro depois de ter dormido a noite em leito de flores.

Fernando apresentou-se bem, conversou com todos, e a todos attrahia com sua lhaneza e boas maneiras. As mães invejavam um tal filho a Angelica, e as filhas invejavam-no ao altar a que se destinava. Umas desejavam ainda vel-o, quando menos, pastor da sua freguezia, outras promettiam-lhe ser suas confessadas.

— Deus o faça em virtudes como é no saber: — dizia uma senhora despedindo-se de Angelica.

— Por muitos annos o goze — dizia outra.

— Praza a Deus que o veja como deseja.

E n'estes comprimentos e n'outros sempre correspondidos com agradecimento se foi despejando a sala, e só depois da meia noite é que ficou vasia de todo.

Angelica pediu então ao filho que a acompanhasse em suas devoções da noite, e Fernando rezou como um corista; porém tanto se desculpou com a mãe para não recitar a ladainha, que ella teve de a dizer, o que fez com muito cuidado, como quem estava diante de um latinista fresquinho, e de um futuro clerigo.

Depois de algum tempo que o materno affecto exigiu para se desforrar do tempo perdido, Fernando recolheu-se; mas a satisfação até fez á mãe perder o somno: e Genoveva, que mais desejos tinha de dormir que de conversar, como quem passou um dia afadigado, e estendeu a vigilia até mais tarde, teve de lhe fazer companhia ainda por algum tempo, responden-

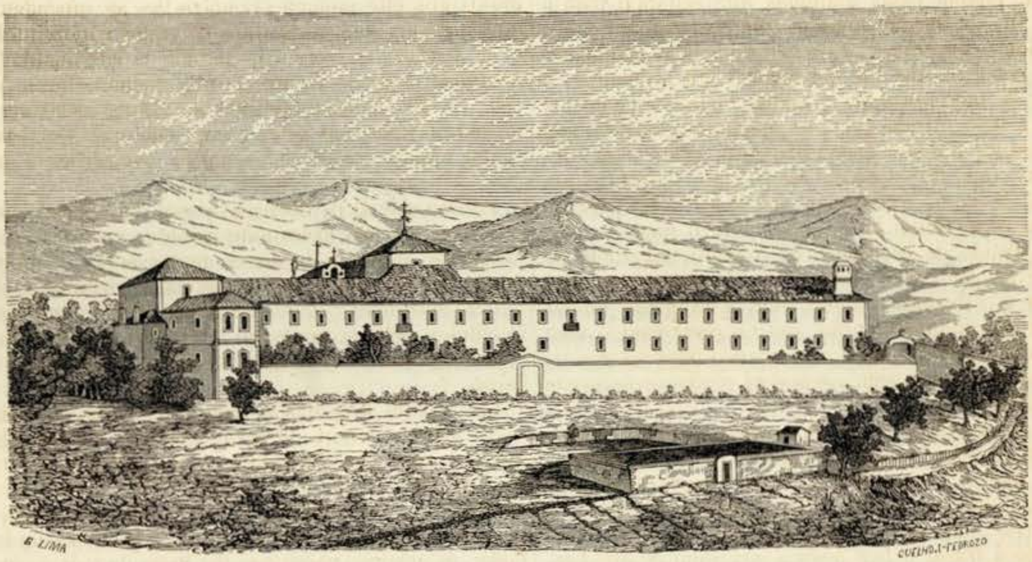
do a tudo que sim com acenos da cabeça, que se lhe desequilibrava a cada instante; e por fim tambem foi deitar-se ás apalpadellas. Só Angelica velava pensando na felicidade, que ainda lhe parecia um sonho.

Agora já não era uma viuva só e abandonada; de portas a dentro havia um homem, um filho que dormia a dois passos, e que á primeira voz responderia: «Minha mãe!» Afagada por idéas tão agradaveis, tomou uma luz, e pé ante pé, sustendo a respiração, entrou no quarto de Fernando, e aproximou-se do leito para o contemplar adormecido. Com a cabeça encostada ao braço direito, deixava a descoberto um hombro e um collo que se confundiriam com a alvura dos lençóes se não fosse o rosado da vida que transparecia na epiderme; a boca entreaberta deixava ver a extremidade de dois dentes eguaes, superiores na solidez e brilho do esmalte a quantos põe mr. Vitry; o rosto franco, e como se a rir adormecêra, não tinha aquella serena gravidade que de ordinario se imprime em rostos dormentes ou defunctos.

Estava alli n'um grupo o descuido da juventude protegido pela madureza dos annos, que assim poderia parecer Angelica inteiramente absorta na admiração do filho. N'aquelle instante lembrou-se de o acordar para lhe dizer que era bello, e para o beijar mil outras vezes; mas não ousava, e só de distancia o acariciava com os olhos. Levada por attracção irresistivel estendeu o braço, poz a mão no travesseiro, curvou-se depois, beijou-lhe o cabello e ficou immovel. Em seguida quiz ver se elle trazia ao pescoço uma medalha de prata que lhe tinha mandado no dia dos seus annos: descobriu um pouco mais, e não a viu: procurou ao de leve pelo peito, e não estava lá. Fernando, sentindo esta impressão, voltou-se, e depois de um murmurio de sons inarticulados, soltou estas palavras:

— Trinta garrafas da instituição da companhia se não der o rei contra a sotta!

— Que diz elle? — exclamou Angelica fulminada por estas palavras, deixando caír a luz, que se apagou.



Real collegio das Ursulinas de Coimbra

Fernando, meio acordado pela quéda do castiçal e por uma voz de mulher, exclamou:

— É para aqui, Bernardina! não andes a tropeçar por esses cantos!

Sonhava com jogo, vinho e amores!

Fernando seria um dissoluto? Francisco de Sá ter-se-hia vingado no filho contra a mãe? Estes pensamentos, rapidos como um relampago, entraram em turbilhão no espirito de Angelica, e como todos os paes que não vigiam de perto a educação dos filhos, exclamou afflicta, saíndo do quarto com a morte no coração:

— Prouvéra a Deus que nunca me separasse d'elle!

(Continúa) A. C. da Silva Mattos.

REAL COLLEGIO DAS URSULINAS DE COIMBRA

Foi o edificio que a estampa representa, fundado em 1606 pela ordem dos carmelitas descalços, para collegio d'onde os seus frades frequentassem os estudos de theologia na universidade de Coimbra.

O chronista da ordem, descrevendo o sitio que os seus haviam escolhido para a fundação d'este collegio, denominado de S. José, diz que se tivera por melhor—o oiteiro chamado communmente Genicoca, e dos estudantes monte Aureo, por estar muito coberto de bem-me-queres amarellos, que representavam uma lamina de oiro. Faziam-no em extremo agradavel e aprazivel as alegres vistas que tem do Mondego, que lava sua raiz; do arvoredo que na ladeira havia; das vinhas, casaria e olivaes que passado o rio se estendem pelos valles de Banhos-Séccos e Val-de-inferno; dos campos que do mesmo rio para outra parte se dilatam, por espaço de muitas legoas; e da cidade que fica para a parte de noroeste em outro outeiro, quasi trezentos passos distante, dividido com um valle fundo em umas partes, mas quasi egual com o mais terreno pela parte que vae o caminho de um a outro. [1]

Quando foram supprimidas as ordens religiosas, o collegio de S. José dos Mariannos foi destinado para hospital dos lazaros.

Tornando-se doentio o sitio da villa de Pereira onde se achava estabelecido desde 1748 o collegio das Ursulinas, requereram estas religiosas ao governo lhe concedesse o convento de Santa Anna da cidade de Coimbra, onde estiveram poucos annos, sendo a final transferidas para este excellente edificio do extincto collegio de S. José. Por decreto de 21 de junho de 1851, se lhe fez esta concessão.

O sr. dr. Basilio Alberto de Souza Pinto, actual rei-

[1] Fr. Belchior de Santa Anna — Chronica dos Carm. Desc. t. I pag. 408.

tor da universidade de Coimbra, publicou n'esta mesma cidade uma *Memoria sobre a fundação e progressos do real collegio das Ursulinas de Pereira*.

Para accommodação das religiosas e educandas se fizeram no edificio primitivo algumas alterações, de que no proximo numero dará noticia, bem como do estado actual de tão bem reputado collegio de educação, o nosso douto collaborador, o sr. dr. Rodrigues de Gusmão, que se dignou ministrar-nos a estampa que apresentámos na pagina antecedente.

PRIMEIRA EMBAIXADA DO JAPÃO Á EUROPA

(Vid. pag. 379)

Refere o auctor que por esse tempo tinham os jesuitas muitas casas e collegios em toda a India. Em Cochim um bom collegio com vinte e cinco padres e leigos, e muitas residencias por todo aquelle reino, com muito maior numero de padres, especialmente entre os christãos de S. Thomé; e assim em Coulão, no reino de Travancor e costa da Pescaria, além de dois seminarios para clerigos, um em Coulão, outro na Pescaria, e tres boas casas em Goa com mais de cem padres e irmãos só n'aquella cidade; tendo duzentos e noventa em toda a India, e mais de quatrocentos n'aquella provincia da ordem, que comprehendia, além da India, a China, os reinos adjacentes e o Japão. Com tantos e taes auxiliares, não admira que as missões portuguezas se dilatassem tanto por todo aquelle Oriente, com grande serviço de Deus e da sua egreja, utilidade d'aquelles povos, e gloria de Portugal, que por meio de tão zelosos obreiros ampliou e consolidou o padroado d'esta coroa na Asia. Não admira tambem qué, destroçados em 1759 tão proveitosos soldados da cruz, e em nossos dias os das outras corporações religiosas que lhes sobreviveram, definhassem e morressem as nossas missões, e com ellas o padroado portuguez, que se tenta agora restabelecer, sem todavia se crearem missionarios, sem os quaes não podêmos sustental-o. É que as instituições, bem como a arvore que, faltando-lhe os succos nutritivos, murcha, sécca e morre, não tendo já a seiva que a sustenta, que a vigora e engrandece, definham, enfraquecem, minguam e acabam.

O colloquio VI é dedicado á navegação da India a Portugal. Depois de uma demora de poucos dias em Goa, embarcaram de novo os embaixadores na mesma nau para a Europa. Em vez porém do P. Valignani, que ficava na India por provincial, foi-lhes dado por guia e mestre o P. Nuno Rodrigues, varão de muitas virtudes e auctoridade, tirado á reitoria do collegio de Goa para esse fim. Surgiram poucos dias depois na enseada de Cochim, d'onde se fizeram de vela a 23 de fevereiro de 1584, e seguindo prospera navegação, passaram o cabo da Boa Esperança sem tocar em Moçambique. Aos dezesete dias depois de dobrado o cabo, em que se contavam 16 do mez de maio, lançaram ferro no porto da ilha de Santa Helena, onde repousaram e se refizeram de forças por espaço de onze dias, e de vitualhas para o resto da navegação, que findou no mesmo anno de 1584, no dia 8 de agosto, em que, entrando pela foz do Tejo, fundearam no tão desejado porto de Lisboa com indizivel alegria e contentamento dos japões, e alvoroço de toda a cidade, cujo interesse e fé nas coisas do Oriente não estava ainda, como hoje, amortecida.

Causou-lhes logo espanto o immenso numero de navios que estavam ancorados n'este magnifico porto, entre os quaes, refere o auctor, se contavam mais de trezentas naus de alto bordo, sem fallar nos barcos, falúas e escaleres de varias dimensões e feitios, só proprios da navegação costeira e do rio. Enlevou-os tambem o aspecto grandioso de Lisboa com suas muralhas e torres, seus soberbos edificios, zimborios, minaretes e campanarios das egrejas. Foram logo a bordo muitos padres da companhia, que apenas anoiteceu os levaram para a casa professa de S. Roque, não querendo os embaixadores, por cançados de tão longa e trabalhosa viagem, deixar a desembarcação para o outro dia, em que lhes estava preparado solemne recebimento na cidade.

Não se demoraram os embaixadores em ir visitar o cardeal archiduque, vice-rei de Portugal; mas deixaremos para depois referir o bom gasalhado que S. A. lhes fez, interrompendo, com o auctor, a narração principal, desde o colloquio VII até ao XV, em descrever a Europa n'aquelle seculo, pelo modo seguinte:

No colloquio VII trata das coisas da Europa em geral, e primeiramente do estado ecclesiastico e sua jerarchia; no VIII dos diversos reinos em que se divide, e suas dignidades; no IX do magnifico apparato que os reis e principes europeus ostentam em suas pessoas e casas; no X da multidão de familiares e criados, da pompa que os mesmos principes usam dentro e fóra de seus paços. Falla no XI dos divertimentos e recreios dos fidalgos europeus, e da nobre educação que dão a seus filhos; e no XII da administração e governo politico dos estados europeus. No XIII descreve a arte militar, o modo de formar os exercitos e de fazer a guerra, e como se dão as batalhas; e no XIV refere o systema seguido nos combates navaes. N'este colloquio observa como os prisioneiros de guerra na Europa, por baixa e vil que seja a sua condição, nunca ficam reduzidos á escravidão, como na Asia, onde esse uso era antigo e commum. Lamenta a facilidade com que no Japão se vendiam os homens, as mulheres e as crianças, não só aos portuguezes, mas tambem a povos de varias partes do mundo, e até aos barbaros da raça negra, e repelle a accusação que alguem fazia d'isto aos portuguezes, por se occuparem n'este trafico, e aos jesuitas porque o não impediam com a grande auctoridade que tinham entre os seus conterraneos.

E quão mal cabida era essa accusação mostra-o o auctor, lançando toda a culpa á conta dos japões, que até seus proprios filhos iam offerecer aos mercadores portuguezes, os quaes, levados da esperança do lucro, os compravam para vender depois na India e outras partes. Pelo que toca aos jesuitas, em prova de quanto elles abominavam este infame trafico, mostra a diligencia e empenho que empregavam para alcançar delrei a promulgação de algumas leis, que, com graves penas, prohibissem a todos os mercadores que fossem ao Japão comprar por escravos os naturaes d'aquelle paiz.

O auctor não nos diz mais nada d'estas nem de outras leis, recommendações e disposições com que, segundo a indole dos tempos e o caracter indiano, os nossos reis e os governadores da India favoreceram todo aquelle gentio, e com especialidade os que se convertiam á nossa fé. Com algumas d'estas na mão poderiamos responder ás accusações que se nos fazem, de havermos marcado a nossa passagem e dominação no Oriente com maus tratos e vexames. Se os que nos succederam foram melhores, e podem atirar-nos a pedra, dil-o a historia e a predilecção que ainda hoje se manifesta n'aquelles povos para com os portuguezes, gloriando-se muitos de serem nossos descendentes.

A lei a que cremos que o auctor se refere, é a de D. Sebastião, com a qual se prohibiu que nenhum portuguez comprasse ou fizesse captivo japão algum. N'esta mesma lei foi mandado aos que fossem ao Japão, que comprassem e vendessem por um mesmo peso e balança, com a pena de perderem toda a fazenda os que comprassem ou captivassem japões, ou compras-

sem e vendessem por pesos e balanças differentes dos da terra em que tratassem. Outras duas leis ou provisões publicou o mesmo rei a favor dos povos da conquista e navegação do Oriente. Com uma d'ellas concedeu a todos os reis christãos e gentios que favorecessem a christandade nas partes da India, China, Japão e Maluco, poderem navegar de umas para outras partes; com a outra, que os que se convertessem á mesma fé n'aquellas partes, fossem por tempo de quinze annos escusos de pagar os dizimos que os bispos tinham doado á coroa com o encargo de proverem as egrejas e christandade do Oriente. [1]

Sem embargo porém d'estas leis, e de outras que se encontram na [illegible] legislação, e de algumas que Quambacundono, imperador de todo o Japão, publicou prohibindo em seus estados essas vendas, era tal a avidez dos japões, que arrebatavam á força e fraudulentamente seus proprios irmãos, parentes e amigos, os quaes iam metter a occultas nos navios dos portuguezes, que estimulados em parte pelos rogos importunos dos mesmos japões, e em parte pelo pouco preço da venda, os compravam com transgressão d'estas leis, que alli o vedavam, com a força e violencia que os naturaes lhes faziam.

Viria para aqui defendermos a nossa patria das accusações que se lhe tem querido fazer de haverem os portuguezes, desde o começo dos seus descobrimentos, introduzido na Europa moderna os escravos africanos. Mas como isto nos levaria muito longe do nosso proposito, abstemo-nos de entrar n'esta materia, lembrando sómente, que nunca o governo portuguez fez estipulações publicas, nem contratos sobre o monopolio, para si, da venda d'esses escravos, como fez a Inglaterra, que no tratado de Utrecht, em 1714, contratou com a Hespanha o *pacto del asento de los negros*, isto é, o monopolio exclusivo da importação dos escravos nas colonias hespanholas, para não fallarmos do que praticaram outras nações.

Trata egualmente o colloquio XV da grandeza das cidades, e magnificencia das egrejas e mais edificios da Europa: e no XVI descreve-se a cidade de Lisboa. É tão curiosa esta descripção da antiga capital da monarchia, e tão grandes variações padeceu ella depois com o espantoso terremoto do primeiro dia de novembro de 1755, e pavoroso incendio que se lhe seguiu, assim como com as vicissitudes dos tempos, que não podêmos deixar de a traduzir do latim para a nossa lingua, a fim de por este meio darmos a conhecer aos leitores o que era Lisboa em fins do seculo XVI, e se resolverem cada vez melhor algumas duvidas sobre a sua topographia, monumentos, grandeza e opulencia.

Todavia, sendo ella de sobejo extensa, dal-a-hemos separadamente, para não intercalarmos demasiadas digressões na narração principal d'esta embaixada.

(Continua) A. J. F.

REINADO DE D. AFFONSO VI

(FRAGMENTO)

DESDE A PAZ COM HESPANHA ATÉ AO CASAMENTO DO REGENTE

(Vid. pag. 270)

Para tirar os negocios francezes das mãos do secretario de estado, que lhes não seria tão favoravel, resolvêra o principe tratal-os só por intermedio da rainha. Promettia conceder tudo, e até fazer a convenção secreta, de sua propria auctoridade, sem consultar o conselho, que podia oppor-se-lhe, nem proceder pelos meios ordinarios, que iriam assombrar Inglaterra e Hespanha.

[1] Veja-se o vol. I das leis e provisões del-rei D. Sebastião, edição de Coimbra, 1816, pag. 127, 129 e 132.

Todos queriam fugir ao compromettimento de encontrarem a vontade da rainha, e para ella declinavam as questões francezas. Schomberg pedíra e obtivera que D. Pedro nomeasse alguns membros do conselho, e o secretario de estado, para conferirem com os agentes francezes quanto tocasse á retirada das tropas. Longe de escutarem coisa alguma, os conferentes portuguezes remettiam os francezes para as decisões de D. Maria. O proprio secretario de estado, temeroso das suspeitas hespanholas, em logar de ir a casa de Saint-Romain participar-lhe a conclusão da paz e mostrar-lhe o tratado, commettêra esse encargo á propria soberana!

A rainha, que procurava o meio de prender mais intimamente o principe á submissão franceza, mandou propor-lhe que lhe escrevesse em carta todas as coisas já lembradas a favor da França. Essa carta julgava-a indispensavel para auctorisar o enviado a escrever com mais fundamento ao seu governo.

Mal se assignou o tratado de paz, começou-se logo a fallar em embaixador para Hespanha. A principio disse-se que seria escolhido para essa missão, ou o marquez de Gouvêa ou o de Marialva.

Desprovido de instrucções especiaes para a conjunctura em que se achava, Saint-Romain via-se embaraçado na escolha do procedimento que mais lhe convinha. Ter-se-hia mesmo retirado da cidade, como a alguns amigos parecêra melhor, se não fosse o voto em contrario de Schomberg, a negociação da passagem das tropas francezas, e os negocios e interesses da rainha. Não carecendo de frequentar o paço para lhes dar seguimento, visto que todos os que diziam respeito á França se tratavam com D. Maria, que ainda estava no convento da Esperança, esperava a chegada da ratificação de Hespanha, e as festas costumadas e preparadas para a publicação da paz, para não ser espectador d'ellas e sair dias antes da cidade.

Na tarde do dia 17 foi Saint-Romain chamado pela rainha a uma conferencia. Annunciava-lhe muitas coisas mutuamente agradaveis. O principe subscrevia a todos os artigos da memoria de Schomberg para o regresso das tropas: chegaria mesmo a conceder embarcações, se fosse possivel, para o que ordenára ao marquez de Niza, que visse no conselho da marinha quantos e quaes navios se podiam dispensar para isso. A rainha esperava que até á manhã do dia 18 devolvessem aquella memoria respondida. Se tal succedesse, aproveitariam a partida de Duarte Ribeiro, que se annunciava para todas as horas, e por elle a enviariam a França, bem como a carta pedida ao principe, que viria na mesma occasião. D. Maria pedia ao abbade, que uma e outra fizesse valer na consideração da sua corte, acompanhando-as de tão bons officios, que calmassem os resentimentos de Luiz XIV.

Os estados do reino tinham, em fim, acordado proclamar rei o principe. Muitos procuradores do braço do povo procuraram a rainha para lhe pedirem que levasse a bem que propozessem na sua assembléa o seu casamento com D. Pedro. D'isto se via que já nada podia impedir ou demorar muito o mesmo casamento; o qual, depois que fosse concluido, esperava ella, lhe proporcionaria meios de dar toda a casta de satisfação a el-rei de França, se elle entretanto recebesse favoravelmente, e consentisse nos preliminares propostos. Era intenção de muitos portuguezes obterem, por intermedio da rainha, que Luiz XIV désse ordem a Saint-Romain para effectuar com Portugal alguma accommodação, e prometter que comprehenderia Portugal no seu tratado de paz com Hespanha. Não seria difficil conseguir tudo isto. A França bem conheceria o valor da permissão concedida ás suas tropas de retirarem com cavallos, levando tambem officiaes e cavalleiros portuguezes, se Luiz XIV o quizesse e mandasse o dinheiro preciso para tanto, com

o que podia formar muitas companhias de cavallaria e infanteria, dos melhores e mais aguerridos homens que havia nas tropas de Portugal.

Só no dia 18 á noite é que a rainha entregou a Saint-Romain copia da carta que o principe lhe escrevêra ácerca da satisfação á França, com a copia dos artigos do tratado com a Hespanha; carta em que declarava a repugnancia com que consentíra n'esta paz, e o desejo que tinha de que se lhe offerecessem occasiões de comprazer com el-rei christianissimo.

Como estes promettidos documentos tardassem ao enviado, que sabía que Southwell já estava embarcado na fragata ingleza, que ia partir, tinha-se prevenido fechando e expedindo a correspondencia que mandava n'aquella embarcação. Entretanto ainda pôde, mesmo á ultima hora, fazer entregar os documentos recebidos da rainha, a quem levava os outros.

Effectivamante no dia 19 embarcou Duarte Ribeiro de Macedo na fragata em que ia Southwell. A principio pensára-se em lhe dar ordem de deter-se em Dover e perguntar para Paris se seria bem recebido do rei, continuando depois a viagem ou regressando, segundo a resposta. A final mudaram de opinião, e o enviado portuguez devia encaminhar-se logo á capital da França. Disse-se mesmo que o principe quizera ter feito outra escolha, porque se não fiava inteiramente em Macedo, que professava grande dedicação ao duque de Cadaval. Um francez chamado La Croix, que era portador da correspondencia de Saint-Romain, acompanhava Duarte Ribeiro. O abbade esperou, mas debalde, que Macedo o visitasse antes da partida, principalmente depois de duas visitas que lhe devia. Com Schomberg e Gravier procedêra do mesmo modo. As idéas francezas tinham-se nos ultimos dias despopularisado. Duarte Ribeiro evitava por isso commercio publico com os seus chefes.

A situação a que Saint-Romain assistia como actor e espectador era em verdade melindrosa e complicada. Dizem-n'o a abundancia e frequencia da sua correspondencia com a França, principalmente nos ultimos tempos. Só no mez de fevereiro, que decorria, expedíra, não menos de seis vezes, despachos ao seu governo, já pelo navio correio *La Joye*, que partíra para França no dia 4; já por um navio de Flessinga; já pelo chamado De Cheury, que partiu na diligencia no dia 11; já por uma setia, que no dia 17 saíra para Nantes; já no dia 19 por La Croix, que ia em companhia de Duarte Ribeiro. Não obstante isto, logo no dia 25 o seu zêlo incançavel começou nova conta do que occorria.

Effectivamente D. Pedro expedíra para a fronteira ordens prohibindo que officiaes ou soldados passassem ao serviço de Hespanha, sob pena de serem degradados e desnaturalisados. Continuava a prometter toda a cortezia na retirada das tropas para França; e quizera mesmo fretar navios que as conduzissem. Não ousando entretanto tomar imperativamente nem embarcações inglezas nem embarcações hollandezas, que poucas francezas havia; nem estando no caso de armar nenhum dos navios de guerra portuguezes, Schomberg, Gravier e Saint-Romain continuavam na opinião de que nada se podia esperar d'estas diligencias feitas em Portugal, sendo necessario virem navios de França para esta passagem das tropas.

(Continúa) José de Torres.

CUNHAL DAS BOLAS

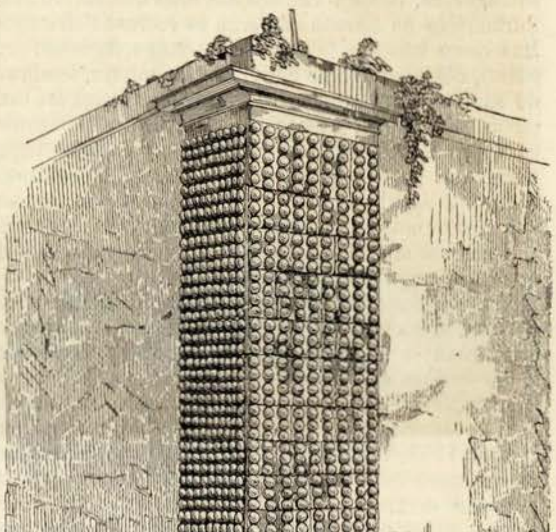
A imaginação do povo costuma phantasiar origens cerebrinas aos edificios cuja estructura ou symbolos não sejam de facil explicação.

Já referimos quanto se tem fabulado ácerca da casa dos Bicos, á Ribeira Velha [1]. Ha pouco nos enviaram do Brasil a seguinte nota.

«Em Cantuby, provincia do Rio de Janeiro, existe uma casa chamada dos *Bicos*, que foi pretença de uma familia muito poderosa, já fallecida. Um de seus chefes presenteou D. João VI com uma gallinha e doze pintos, todos de oiro massiço. Querendo-se saber quem fôra o primeiro possuidor da casa, e buscando-se nos archivos do imperio documentos que podessem satisfazer este desejo, meramente de curiosidade, encontrou-se o nome seguinte, que era de quem a tinha mandado edificar: D. Maria Renalse Recoralta Reconquesia Perininqua de Godões Campeão Catarollo.»

Já se vê que tambem no Brazil ha uma casa dos Bicos, que excitou a curiosidade de se lhe saber a origem; mas o intento não foi tão bem succedido como o nosso, porque nos parece que deixâmos averiguado, quanto por bons documentos se podiam dissipar as fabulas em que a nossa da Ribeira Velha andou envolvida por tanto tempo.

O palacio do cunhal das Bolas, tambem, como a casa dos Bicos, foi feito com dinheiro vindo das conquistas. Hoje pertence á casa de Olhão, por casamento com a successora do vinculo a que ella pertence.



Cunhal das Bolas

O cunhal das Bolas, que fórma a quina do palacio de Pilatos, na rua da Rosa das Partilhas, serviu tambem de texto a uma lenda popular a que não achâmos fio. Diz-se que fôra edificado por um judeu, muito rico, que quizera figurar pomos de oiro no cunhal do seu palacio. É uma invenção como a dos diamantes da casa dos Bicos.

Para satisfazer a um nosso correspondente mandámos gravar esse cunhal, segundo mostra a estampa junta, o que de certo quebrará o encanto aos que faziam outra idéa de coisa tão singela.

[1] Vid. o n. 10 do III volume d'este semanario.